Eulália Maria Lahmeyer Lobo

1924–2011

Uma história nova, diferente, original

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Diretoria (2011–2013)

Presidente
Armando Dalla Costa

Vice-Presidente
Angelo Alves Carrara

1o Secretário
Alcides Goulart Filho

2o Secretário
Thiago Fontelas Rosado Gambi

1o Tesoureiro
Pedro Antônio Vieira

2o Tesoureiro
Afonso Alencastro Graça Filho

Conselho de Representantes

Região Norte
Fábio Carlos da Silva
Lucas Araújo Carvalho

Região Nordeste
João Rodrigues Neto
Ana Paula Sobreira Bezerra

Região Centro-Oeste
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Teresa Cristina de Novaes Marques
Dulce Portilho Maciel (suplente)

Região Sudeste
Alexandre Mendes Cunha
Fernando Carlos Greenhalgh de Cerqueira Lima
Daniel do Val Cosentino (suplente)

Região São Paulo
Alexandre Macchione Saes
Cláudia Heller
Cláudia Alessandra Tessari (suplente)

Região Sul
Fernando Franco Netto
Maria Heloisa Lenz
Pedro César Dutra Fonseca (suplente)

Revista de História Econômica & História de Empresas

Luiz Fernando Saraiva (editor)
Cláudia Heller
Cláudia Tessari

Ex-presidentes da ABPHE

Luiz Carlos Soares
(1997–1999)

Carlos Roberto Antunes dos Santos
(1999–2001)

Wilson Suzigan
(2001–2003)

João Antonio de Paula
(2003–2005)

Carlos Gabriel Guimarães
(2005–2007)

Josué Modesto dos Passos Subrinho
(2007–2009)

Pedro Paulo Zaluth Bastos
(2009–2011)

Secretaria da ABPHE

Departamento de Economia
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico

Universidade Federal do Paraná
Av. Pref. Lothário Meissner, 632
Jardim Botânico
80210-170 - Curitiba – PR
Tel. (41) 3360 4400
E-mail: abphe1@gmail.com

No ano em que a Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) completa 20 anos o nosso Congresso torna-se espaço fundamental comemorar suas vitórias na tarefa de consolidar o campo da História Econômica; enfrentar os desafios e impasses que se colocam no tempo presente e, lembrar de alguns dos maiores Historiadores e Economistas de nossa época e que nos deram a honra de pertencer a ABPHE.

Essa reflexão se faz pelo reconhecimento dos importantes pesquisadores brasileiros e estrangeiros que nos deixaram nestas últimas décadas. Entre os sócios fundadores e honorários – que hoje não lembramos pela ausência, mas sim para celebrar suas vidas e obras – temos os professores Annibal Villanova Villela, Alice Piffer Canabrava, Celso Furtado, Charles R. Boxer, Frédéric Mauro, István Jancsó, Jacob Gorender, Manoel Correia de Andrade, Nelson Werneck Sodré, Tamás Szmrecsányi, dentre outros.

Dentre estes, a lembrança da professora Eulália Maria Lahmayer Lobo se impõe pela sua trajetória única, pelo conjunto impressionante de sua produção e ainda pela sua atuação a favor do campo da História Econômica. Eulália Lobo foi uma das fundadoras da ABPHE em 1993 tendo papel bastante relevante na consolidação da mesma. Fez parte da 1ª diretoria (1993–1995) na condição de secretária-executiva em conjunto com o professor Jobson Arruda, na 2ª diretoria (1995–1997) tornou-se vice-presidente quando assumiu a tarefa de organizar o II Congresso Brasileiro de História Econômica e III Conferência Internacional de História de Empresas realizado no Rio de Janeiro em 1996. Foi ainda do Conselho de Representantes por duas vezes (1997–1999 e 1999–2001) quando o peso da idade começou a cobrar seu preço e Eulália começou a reduzir – mas nunca parar – com suas atividades profissionais.

Sua ausência entre nós desde 2011 deixou um espaço que talvez nunca vá ser preenchido em seus estudantes, orientandos, colegas, amigos e àqueles que usam dos seus inúmeros textos e pesquisas para avançar em caminhos já trilhados por ela.

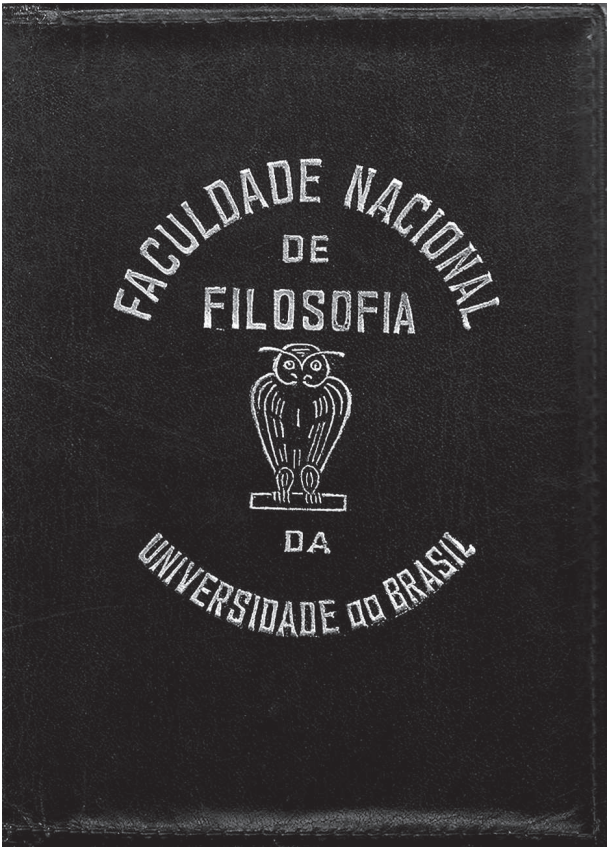
Em conjunto com a mesa-redonda "A obra e contribuição da professora Eulália Lobo para a História Econômica e Social Brasileira" a presente publicação tem como intenção lembrar, celebrar e refletir sobre essa pesquisadora cuja ABPHE tanto deve. Para tanto selecionamos três textos que refletem alguns aspectos da trajetória de sua vida. Os dois primeiro são relatos emocionados de orientandos que se tornaram companheiros de profissão e amigos fraternos. A professora Ismênia de Lima Martins destacou grande parte da trajetória político-acadêmica de Eulália, recheada de exemplos vívidos da sua personalidade ímpar. O professor Eduardo Navarro Stotz por sua vez concentrou sua análise nas inúmeras viagens realizadas pela professora Eulália Lobo e que conseguiram unir o interesse pessoal com o esforço acadêmico em um mesmo caminho. O último

texto foi uma entrevista dada pela professora Eulália cerca de 10 anos atrás aos professores Cezar Honorato e Lana Lage onde o tema central foi a vivência da Professora na sua cidade, o Rio de Janeiro. Trata-se aqui não somente de um depoimento pessoal mas também a reflexão crítica e acurada de uma das maiores especialistas da cidade.

A Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica busca diminuir a ausência deixada por Eulália reconhecendo a honra que foi tê-la como Sócia e espera que seu exemplo auxilie na tarefa enfrentar os desafios vindouros.

Luiz Fernando Saraiva

Eulália Maria Lahmeyer Lobo durante a ditadura,
quando ensinou na University of South Carolina,
Columbia, Estados Unidos.



Carteira de estudante da Universidade do Brasi, 1941.

Página anterior: Colégio Jacobina, Rio de Janeiro – Eulália é a terceira à direita, na segunda fila.

1941

UNIVERSIDADE DO BRASIL

FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

A Snha Eulalia Mª Salmeyer Dias Leite está matriculado sob o número 3 na 1ª série do curso de Geografia e Historia

O Aluno

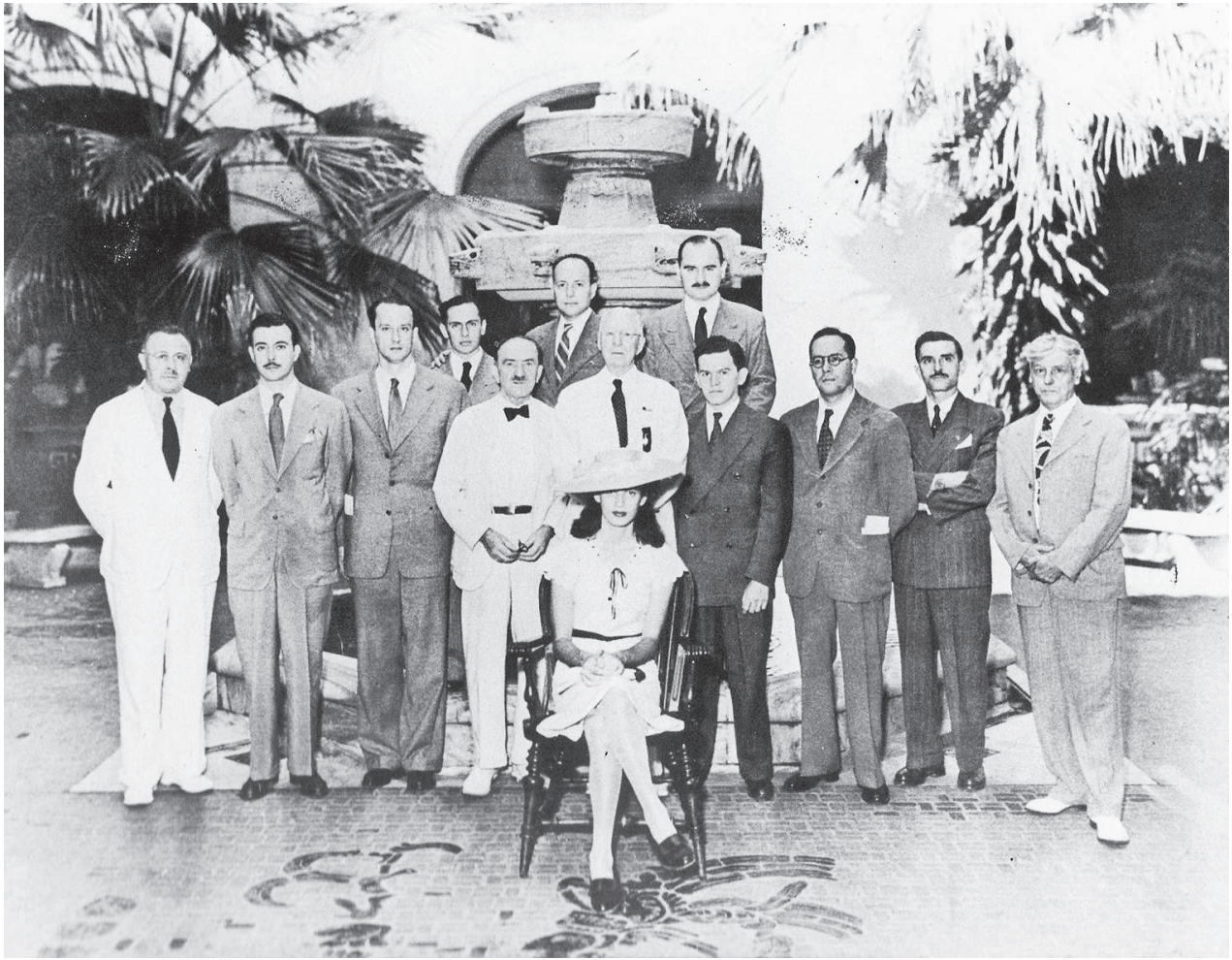
Eulalia Maria S. Dias Leite

O Diretor

Imprensa Nacional

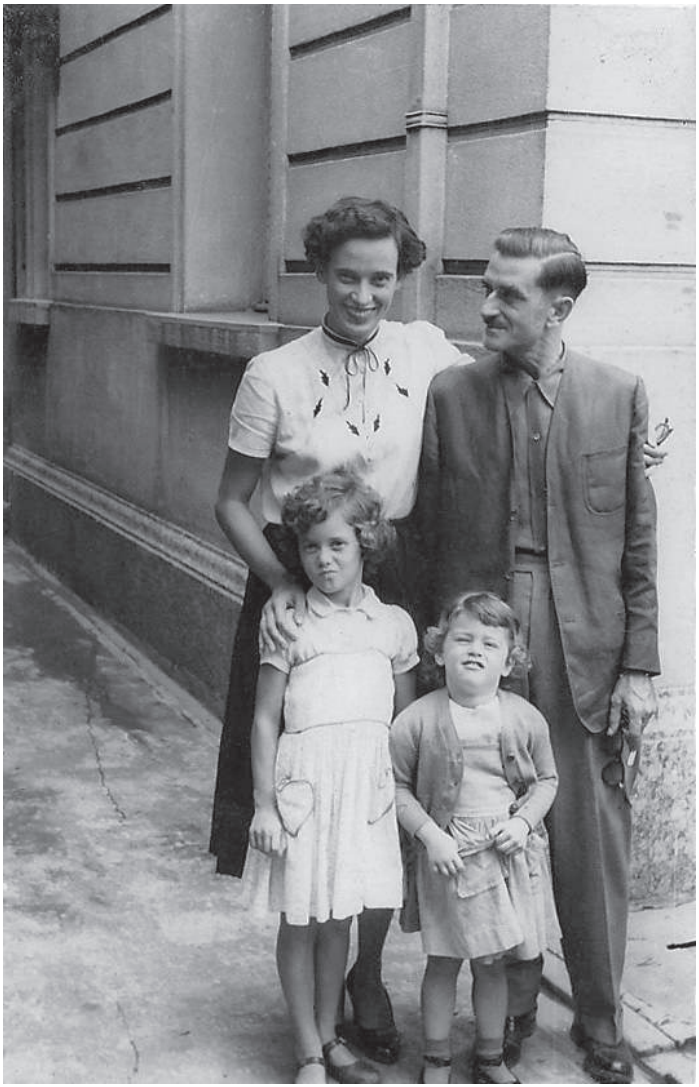
Inscrição na Faculdade Nacional de Filosofia
da Universidade do Brasil, 1941.

Página seguinte: album de familia, 1951.



1951.

Página ao lado: com o marido Bruno Alipio Lobo
e as filhas Luiza e Lucia. Rio, 1954.



Com o marido em visita a universidade, 1961.

Página ao lado: inauguração do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, com Erika e Werneck, Gadiel Perucci, Cecilia B. Neves. 1979.

Ismênia Martins e Eulália.

Eulália Maria Lahmeyer Lobo: trajetória

Ismênia Martins
Professora Emérita da Universidade
Federal Fluminense

Recebi de meus colegas da organização do I Congresso de História Econômica a honrosa incumbência de homenagear a inesquecível Professora Eulália Maria Lahmayer Lobo, recentemente falecida.

Considerando a relevância e amplitude de sua produção historiográfica e a riqueza existencial de quem travou todos os bons combates, proponho como tema a obra e vida de Eulália.

Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), sua trajetória é emblemática para a comunidade brasileira de historiadores. Ao cumprir esta grata missão, procurei resgatar aspectos importantes de sua vida profissional, destacados por vários críticos e por ela própria apresentando-os aos jovens estudantes de história.

Pelo lado materno descendia de ilustre família de cafeicultores fluminenses do Vale do Paraíba. Seu pai era um bem sucedido imigrante português, comerciante, que se destacava do perfil tradicional deste grupo, uma vez que, falava vários idiomas e prezava a vida intelectual. Isto talvez explique o fato de terem sido, Eulália e suas irmãs mais velhas, estimuladas a freqüentarem a universidade, numa época em que as moças pertencentes ao seu segmento social tinham, na maioria, o casamento como destino exclusivo.

Desde que escolheu o curso de História, Eulália sempre definiu a sua opção pela pesquisa. Não queria ser mais uma a compilar os autores clássicos, nem ficar presa aos limites de uma discussão historiográfica já superada. Queria ir às fontes, mas não de qualquer maneira! Havia muitas questões sobre a contemporaneidade do Brasil e da América Latina que a instigavam.

As mudanças sociais e econômicas colocavam para a jovem historiadora problemas fundamentais sobre o presente e o futuro. O passado não era apenas um dado a mais para a erudição e o ornamento cultural. Tornava-se um instrumento ativo nas mãos de quem o questionava, a partir do seu presente. O Brasil teria que ser compreendido, tendo em conta a dinâmica interna de sua História e não apenas seguindo os quadros explicativos da Europa Ocidental.

Como estudante, teve que fazer o exame vestibular em francês, pois boa parte dos examinadores era dessa nacionalidade. Na sua formação, beneficiou-se da erudição desses historiadores. Mas, suas inquietações levaram-na a repensar os ensinamentos da História do Brasil, aprisionados num empiricismo empobrecedor.

Estudou com afinco todos os clássicos – Capistrano, Varnhagen – mas desde cedo – a partir de leituras de Caio Prado Jr. – rompeu com a visão tradicional e interessou-se pela História Econômica, que propunha perspectivas metodológicas atraentes e criativas. Tal opção caracterizaria para sempre seu ofício de historiadora. Eulália, autora de vastíssima produção historiográfica, vivendo em um país subdesen-

volvido, estaria sempre atenta aos indicadores de pobreza e miséria e sua obra seria profundamente marcada pelo compromisso social.

Na Universidade, entre seus professores, eram poucos os interlocutores e estavam quase todos fora do ensino de História do Brasil – como Josué de Castro, Artur Ramos e José Honório Rodrigues que era o único, como dizia a própria Eulália Lobo, a fazer uma campanha em prol da metodologia e da pesquisa, mas não era professor universitário.

Assim que terminou o curso, começou o Doutorado e dedicou-se inteiramente à pesquisa, aprimorando seus estudos em universidades americanas, como North Caroline e Columbia.

Sua tese de Doutorado tratou da Administração Colonial Luso-Espanhola na América. A escolha do tema tinha um caráter prático, porque era mais fácil ter acesso às fontes relativas a esse recorte do que sobre a Europa, mas, também, revelava o seu espírito crítico: a América Latina deveria ter a sua História: original, diferente e nova! O seu tempo era diferente do europeu. E o ritmo, a evolução e as alternativas eram outras.

A jovem historiadora percebia que em relação à História da América, havia uma atitude do governo brasileiro de dar as costas para o Pacífico. O pólo de atração era o Atlântico, o luso-tropicalismo. O meio acadêmico, os militares, a alta burocracia, tendiam a exaltar a singularidade do Brasil e o seu "destino manifesto", e liderança. Tendia-se a considerar o Brasil mais adiantado econômica, social e culturalmente do que os outros países da América Latina, e diferentes; queríamos ser diferentes!

No entanto, "os governos militares recentes [...] estavam voltados para o Atlântico afro-luso-brasileiro, e valorizavam o intercâmbio com as colônias da África".

Eulália, porém, considerava que a América Latina poderia – pelas suas possibilidades – ter um papel fundamental na transformação do mundo. Infelizmente não foi assim, mas, de qualquer maneira, Eulália tornou-se a primeira pesquisadora sobre a América Latina no Brasil.

Sua tese, *Administração colonial luso-espanhola nas Américas* inovou, também, pela utilização do método comparativo. Segundo seu próprio depoimento, naquela época, estudos deste tipo eram muito raros apesar de uma recomendação do Conselho Interamericano de Geografia neste sentido. Havia, por outro lado, uma certa resistência e preconceito pela já citada crença da superioridade do Brasil em relação à América Latina. Era como se o Brasil não fizesse parte dela! O estudo de Eulália iria apontar noutra direção.

Contornando as dificuldades com o seu Orientador, lançou-se à pesquisa de forma obstinada. Toda a documentação impressa a que

tinha acesso no Rio de Janeiro – como a legislação das Índias, o Código Filipino, as Atas da Câmara – foi compulsada. Com o auxílio que conseguiu do Instituto de Cultura Hispânica e do Itamaraty, pesquisou no Arquivo Geral das Índias, em Sevilha, e no Arquivo Geral de Madrid. Encontrou em Jayme Cortesão – que lhe abriu sua biblioteca particular – um excelente interlocutor "apesar da sua lusofilia", como afirmou a historiadora.

Foi sua a primeira tese de Doutorado em História defendida por uma mulher no Brasil e tal título lhe valeu a inclusão no *Dicionário Mulheres do Brasil*.

Além dos estudos de história política, seu interesse pela América Latina atraiu-a para o campo da etno história. Seu trabalho sobre os "chibchas" foi publicado na consagrada *Enciclopedye de la Plêiade*.

A esta época, Eulália já havia iniciado suas atividades docentes como Auxiliar de Ensino de História da América, cuja cátedra era ocupada pelo Professor Sílvio Júlio de Albuquerque, que foi também seu orientador no Doutorado.

Em entrevista concedida a Ronaldo Vainfas e Ângela de Castro Gomes por ocasião das comemorações dos 500 anos da América, Eulália narra com muita graça as peripécias para uma boa convivência com o catedrático que, além do temperamento explosivo, não estimulava a sua jovem auxiliar.

Mas Eulália não desistiu. A Pesquisa não era apenas uma formalidade para a obtenção do título. Era um prazer! E Eulália iniciou um novo estudo, pesquisando a Coleção De Angelis – que se encontrava em parte na Biblioteca Nacional e em parte no Itamaraty – e concluiu um trabalho que deu origem à sua tese de livre docência defendia em 1958, intitulada "Caminho de Chiquitos às Missões Guaranis". Mais uma vez elegia um tema em que a História da América Latinha era a preocupação central. O estudo de caso revelava aspectos importantes envolvendo a História do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Brasil e até mesmo dos Estados Unidos.

Foi autora de outra alentada tese, apresentada para o concurso de Cátedra, intitulada *Aspectos da Atuação dos Consulados de Sevilha, Cádiz e América Hispânica na Evolução Econômica do Século XVIII*, em que estudou a expansão dos comerciantes espanhóis e o fortalecimento dos comerciantes locais, como aspecto importante para a transformação que resultaria na criação de uma burguesia local com poder econômico e político influenciando, fortemente, o processo de Independência.

Importante ressaltar o esforço de Eulália, não apenas para executar o seu trabalho de pesquisa, mas também para divulgá-lo, numa época em que o mercado editorial não se interessava por esse tipo de obra. A primeira edição de sua tese de doutorado foi custeada

por ela mesma. Esgotada, mereceu uma segunda edição pela Biblioteca do Exército. Sob o título de *Processo administrativo Ibero-Americano: aspectos sócio-econômicos no período colonial*.

A relevância da divulgação das possibilidades de pesquisa oferecidas pelas instituições documentais e arquivistas brasileiras ficava patente em seus trabalhos e teve grande influência em várias gerações de estudantes – a minha própria – a partir dos anos 1960.

Da mesma forma, abriu caminho para os incentivos à pesquisa. Isso também não foi fácil! Ela conta que teve de gastar muitas horas, conversando e convencendo diversas autoridades, as quais achavam que a pesquisa histórica não devia ser apoiada, pois o Brasil tinha outras prioridades. Com persistência conseguiu a primeira Bolsa de Pesquisa da Capes!

Eulália Lobo, na entrevista já citada, conta como ingressou no Magistério Superior. Disse que não queria, mas que era o único caminho viável para profissionalizar-se como pesquisadora.

Nesse aspecto, Eulália constituiu-se também numa referência obrigatória no ensino universitário de História no Brasil. Formou várias gerações de estudantes – em nível de graduação e pós-graduação – tendo sempre como modelo a matriz indissociável do ensino e da pesquisa. O importante era dotar os alunos de condições teórica e metodológicas para o exercício da crítica e a produção de novos conhecimentos.

Sua trajetória de docente é acompanhada pela produção de uma obra de grande historiadora, com aproximadamente 200 títulos publicados, entre livros, artigos e conferencias.

Do campo da história política e administrativa migrou para história econômica e social. Além de suas pesquisas relativas à América Latina, os seus estudos sobre o Rio de Janeiro, história das empresas, industrialização, o movimento operário e imigração, são referencias em todos os inventários bibliográficos pertinentes.

Entre seus primeiros estudos de história política e latino-americana, na década de 1950 e o livro sobre seu pai, publicado em 2005, a produção da historiadora respondeu, durante meio século, a todos os desafios das diferentes conjunturas, metodologias e temas.

Eulália primava por ser uma cidadã de seu tempo e, foi sempre, no seu presente que encontrou as questões pertinentes e instigantes para refletir o passado.

Apesar dela mesmo ter sido especialista em vários temas, advertia sobre os perigos da especialização empobrecedora e chamava atenção para o fato de que toda história é sempre social. Afirmava que:

[...] tivemos durante muito tempo uma fase de história política, empiricista, dominante. Depois veio uma fase de predomínio da história econômica, com

os Annales, que durou alguns decênios – essa ênfase na economia existiu independentemente de a abordagem ser marxista ou não. Agora temos a história das idéias, do cotidiano etc. Não podemos correr o risco de daqui a pouco não termos quem ensine a história da industrialização... Minha opinião é que as abordagens não devem ser excludentes. A sexualidade, por exemplo, é assunto muito importante, mas não podemos deixar de estudar em que economia, em que sociedade, as pessoas viveram com sua sexualidade.

São vários os registros de seus depoimentos críticos sobre a história produzida no Brasil nos últimos 50 anos. Sobre as propostas cepalinas – concepções que também professava, acreditava que:

[...] A teoria da dependência, quando surgiu, ajudou a compreender o mundo da época. A tese dos choques adversos, a tese da dependência, a questão da modernização foram tentativas de explicação geral, a partir de modelos e tipologias. Foi um momento importante, porque o que havia antes era uma massa enorme de trabalhos empíricos e o que fez foram tentativas de grandes interpretações. Não posso deixar de dar valor a esses esforços, mas hoje acho também que a teoria da dependência já se esgotou, que devemos partir para outras abordagens, outras teses interpretativas.

Sobre as categorias instrumentais da história também se pronunciou varias vezes, como no relato que se segue:

Ocorreu um processo de revisão profunda da historia, questionando o seu caráter científico. O objeto da história, a realidade, seria inalcançável e apenas perceptível o seu reflexo. O espaço e o tempo não existem em si mesmos para esses críticos. O tempo único, universal, foi substituído pelo tempo subjetivo, de curta ou de longa duração, individual ou coletivo. O espaço físico, geográfico, poderia ser recortado em função do objetivo do pesquisador, da especificidade das fontes acessíveis.

A expansão do campo do historiador também mereceu observações especiais:

Houve também uma ampliação do objeto da história, incluindo e valorizando temas tais como o gênero, a família e as redes familiares, o cotidiano e o privado, o marginal, os vencidos, os pobres etc. simultaneamente declinou o interesse pela história econômica.

Outro ponto importante foi o da tendência ao predomínio da história local e regional inicialmente em detrimento da visão de conjunto. Já se esboça uma reação às correntes de pensamento acima mencionadas: formou-se a Associação de Pesquisadores em Economia, cujos membros oriundos de

todas as regiões do país têm estimulado o desenvolvimento da história econômica.

A história do gênero já ultrapassou a fase do situar a mulher entre a vitimização e a heroicização resgatando através do processo histórico sua participação no todo social.

As biografias e histórias de empresas estão mais entrosadas no quadro sócio-econômico-cultural geral fazendo uma ponte entre a macro e micro história.

Eulália sempre defendeu a quantificação definindo-a como uma técnica e não um tipo de história.

O uso da quantificação em história foi motivo de polêmica, atribuindo-se um caráter político a ela. Creio que não se pode negar e importância de quantificar, e o que estava em jogo na realidade era a natureza do fato histórico, definido, tradicionalmente, como singular, não repetitivo.

Ciro Flamarion Cardoso, em resenha sobre o livro *Portugueses en Brasil en el siglo XX*, publicado originalmente em Madri, destacou o pioneirismo historiográfico de Eulália Lobo em diferentes ocasiões: primeiro quando empreendeu uma comparação sistemática dos sistemas administrativos espanhol e português na América; depois, ao interessar-se pelas questões de preço, salário e níveis de vida no Rio de Janeiro do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, elaborando uma vasta síntese em dois tomos da *História Econômica da Cidade do Rio de Janeiro*; e, finalmente, ao produzir um primeiro estudo detalhado de todos os aspectos pertinentes à imigração portuguesa no Brasil do final do século XIX e do século XX.

Arno Wehling, Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no discurso de recepção a Eulália Lahmeyer Lobo àquela instituição, definiu sua obra como:

Fundada numa bem alicerçada técnica de pesquisa, exaustivamente documentada, sua obra se beneficia de sólida análise cujos pressupostos se enraízam nas melhores balizas das Ciências Sociais – notadamente a Economia e a Sociologia. A sua prática interdisciplinar, entretanto, nunca a fez minimizar os traços epistemológicos e metodológicos tipicamente históricos, recusando-se às simplificações de considerar nosso território mero objeto de uma Economia do passado ou uma Sociologia retrospectiva.

Na edição brasileira de seu livro sobre portugueses no Brasil, em 2001, Eulália ampliou o estudo original, incorporando novas

pesquisas. Sua experiência e maturidade intelectual permitiram-lhe, inclusive, o feliz cruzamento entre o existencial e a História. A correspondência de seu pai, comerciante português, homem de grande visão que acumulou conhecimento e erudição através de um esforço autodidata, foi trabalhada de forma exemplar como fonte histórica. Entre 2002 e 2004, entusiasmada com esse material, trabalhou com afinco a biografia de seu pai, publicada em 2006.

Na condição de professora, Eulália destacou-se não apenas como pesquisadora, mas também nos embates políticos e ideológicos. Sua carreira universitária foi interrompida de forma traumática após o golpe de 1964.

A antiga Faculdade Nacional de Filosofia – a famosa FNFi – tinha sido dividida em várias escolas e institutos. Eulália passou a dar aula no IFCS. O casarão da Rua Marquês de Olinda, em Botafogo, tornara-se um centro de debates e um local de grande agitação intelectual. A Reforma Universitária era muito debatida. Evaristo de Morais Filho e Marina Vasconcellos – que o sucedeu na direção do IFCS – eram adeptos da Reforma, que contrariava muitos interesses consolidados, como os da Cátedra. Eulália envolveu-se nesse debate, tendo sido, inclusive, membro da Comissão de Reforma.

A universidade, naqueles anos de ditadura, tornara-se muito visada e, particularmente, o IFCS. As denúncias apontavam uma célula de comunistas e os conspiradores seriam Manoel Maurício, José Américo Pessanha, Maria Yedda Linhares, Evaristo de Morais e... Eulália Lobo!

Aposentada compulsoriamente, foi presa em 1969, por ocasião da visita de Rockefeller ao Brasil – a chamada "Operação Gaiola". Como disse Eulália em seu depoimento: "Eles prenderam todo mundo que não queriam que falasse com Rockefeller e contrataram pessoas para fazerem manifestação a favor mediante pagamento". Eulália ficou presa uma semana. Entre os que reivindicavam a sua libertação estavam os adidos cultural e militar dos EUA, pois ela já havia sido convidada para o encontro com Rockefeller.

A narrativa de Eulália sobre a sua prisão é deliciosa. Chegaram à sua casa, de madrugada, três pessoas armadas. Vinham prendê-la, mas não sabiam quem era ela. E ela lhes disse:

Não digo quem sou enquanto vocês não me disserem quem são! Vocês estão uniformizados mas podem ter assaltado um quartel e roubado as fardas. Não têm um documento, uma ordem de vistoria, ou de prisão nada. Quero saber quem são vocês!

Seu marido Dr. Bruno Lobo ligou para seu cunhado, que era almirante, na época cogitado para ministro, e os homens acabaram se identificando: eram da 8ª Artilharia da Costa, no Leblon e Eulália

teve que acompanhá-los. Foi levada ao gabinete do comandante, que se mostrava pouco a vontade, e lhe disse:

O Exército que combateu a caça aos escravos, que proclamou a República, vem agora prender os cidadãos que não estão armados... não estão alterando a ordem pública. O Exército, que tem tantas tradições gloriosas, está reduzido a isso?

O comandante, constrangido, dizia: "não somos policiais". E a ordem se inverteu: o comandante se defendendo e Eulália atacando. Mesmo não havendo acusação formal, ficou presa. Diariamente ela perguntava ao comandante: "qual é a acusação contra mim?" Ele não tinha o que responder, e dizia: "você teve muita sorte, porque se morasse mais perto do Humaitá teria tido um destino terrível, pois teria ido para uma unidade muito pior".

Sob o arbítrio, entre a jurisdição de uma unidade e outra, vencendo seus medos, Eulália começou, na prisão, a escrever sua *História sobre a América Latina*.

Depois de solta, permaneceu 12 anos indo aos Estados Unidos para lecionar. Ia e voltava, continuando suas pesquisas no Brasil. Mais uma vez foi pioneira! Conseguiu um auxílio da Ford Foundation, que até então só concedia verba aos pesquisadores com filiação institucional. Este auxílio foi que lhe permitiu custear a pesquisa sobre a *História Econômica do Rio de Janeiro* cujos resultados foram publicados em dois volumes com quase mil páginas, um verdadeiro banco de dados e referência obrigatória para os estudiosos da matéria.

No final da década de 1970, Eulália ingressou na Universidade Federal Fluminense. A Profª Aidyl de Carvalho Preis, que coordenava a Pós-graduação em História, convidou-a para lecionar neste programa. Não tinha sido ainda anistiada. Reintegrada à UFRJ, após a Anistia, permaneceu na UFF.

Nossos amigos comuns da Universidade de São Paulo deram-lhe o título de grande dama da historiografia brasileira. Ela sempre ría quando comentávamos este título, afinal Eulália não era dada a "damices" e muito pouco convencional!

Quebrava o protocolo em qualquer cerimônia quando considerava os encaminhamentos autoritários ou injustos. Foi assim, por exemplo, na reunião da Capes, quando iniciávamos nossos trabalhos como coordenadoras de pós-graduação, ela, da UFRJ e eu da UFF.

Fomos convocadas, como todos os outros Programas, para uma reunião na Capes. Na época, os Comitês de História e Economia eram juntos, e tínhamos muitas reivindicações. O presidente da Capes chegou, naturalmente atrasado, falou por mais de 40 minutos

e se despediu nos desejando bom trabalho. Eulália levantou-se, bateu as mãos, e disse: "como! Nós o ouvimos e o senhor não vai nos ouvir! Isso é no mínimo indelicado!" Passada a perplexidade, Edgar De Deca e Wilson Cano, coordenadores de História e Economia da Unicamp, e eu, fizemos coro ao protesto da nossa líder, não restando ao presidente outra alternativa senão permanecer no plenário. Ganhamos muitas coisas, inclusive a separação dos Comitês de História e Economia.

Nem sempre, porém, suas estratégias eram de enfrentamento. Episódio interessante ocorreu quando Eulália, ainda não reintegrada na UFRJ, participou, com a Profª Yedda Linhares e comigo, do primeiro Projeto Finep na área de História. A montagem do projeto merece registro. O PADCT (Plano de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) excluía as Ciências Humanas, no entanto, nenhum texto proibia o financiamento, pela Finep, de projetos de pesquisa.

O problema residia no fato do formulário ser pensado levando em conta as especificidades da área tecnológica. No nosso caso, o preenchimento era particularmente difícil, pois se tratava de uma pesquisa sobre operários e condições de vida no século XIX e primeiras décadas do século XX, sendo quase impossível responder ao quesito que exigia a especificação dos mecanismos mais eficazes de incorporar os resultados da pesquisa aos setores produtivos da economia nacional. Enquanto Yedda pensava em protestar, Eulália sugeriu o recurso à artimanha portuguesa do engenho e arte! Escrevemos muito, não consigo lembrar o que, pois com certeza não tinha nexo com o real! Mas conseguimos!

Muito mais eu poderia dizer sobre Eulália Lobo e sua trajetória profissional – o que não caberia nos limites deste texto.

Não posso, porém, encerrar sem tornar publico que maior que a importância da obra de Eulália Lobo é sua dimensão de humanidade. Diria melhor que elas se equivalem, pois nossa homenageada consagrou o melhor de si à sua profissão, e digo isto pensando em Lucien Febvre quando diz em seu texto, *Viver a História*, que: se não a amasse não seria historiador.

O amor lhe deu forças para vencer os preconceitos e resistências, enfrentar o arbítrio e autoritarismo, atender as exigências da vida familiar, resignar-se diante das perdas.

E o tempo dos colegas e amigos? E a generosa paciência com os estudantes e o estímulo aos jovens professores? E as alegres esticadas depois dos Congressos? E sua competência para degustar os bons vinhos, que encantou o diretor da Real Vinícola do Porto! E o seu entusiasmo para dançar os ritmos nordestinos no Forró Forrado, o que deixou boquiaberto Eric Hobsbawm que, naquela oportunidade, a fotografou inúmeras vezes... E a sua alegria cantando a Internacio-

nal em um restaurante em Laranjeiras? E sua disposição permanente para novos projetos mesmo tendo que vencer os limites físicos.

Em recente entrevista afirmou:

Eu não sinto medo de sair no Rio de Janeiro, saio tarde, freqüentemente vou sozinha a lugares que as pessoas acham perigosos. Ajudei a organizar um seminário na Favela da Maré, junto com pessoas da comunidade, até os traficantes passaram por lá, não sei se para assistir ou para verificar o que estava acontecendo.

A morte de Eulália Lobo livrou-a de seu corpo que, debilitado, a impedia de exercitar o que mais amava na vida: sua liberdade e escrever. Mas ela viverá para sempre, através de sua obra, como uma referência obrigatória para os estudantes da história do Brasil. E, enquanto viverem seus alunos, e colegas, sua memória permanecerá como uma lembrança muito querida, iluminando uma boa idéia, incentivando um desafio ou provocando um sorriso.

Eulália Maria Lahmeyer Lobo, presente!

Eulália Lobo: amiga, historiadora comprometida e viajante observadora

Eduardo N. Stotz, Margareth G. Martins
e Mariluci C. do Nascimento

Eulália Maria, a Lali para os íntimos, exerceu vários papéis: filha, irmã, esposa, mãe, avó, bisavó, amiga dos amigos, solidária aos oprimidos desconhecidos, amante da arte e da beleza, professora, orientadora, profissional da História, escritora, entre muitos outros. Em tudo que fazia, Eulália imprimia sua doçura, elegância, inteligência aguda, extrema cultura e firmeza de caráter e propósitos. Nesta pequena memória destacaremos duas das suas características marcantes: a historiadora comprometida e a viajante observadora.

Carioca de Botafogo, Eulália Maria Lahmeyer Leite, nasceu em 17 de julho de 1924, da união entre a filha de fazendeiros de Vassouras e um imigrante português que se dedicou ao comércio. Do casamento, com o médico e professor universitário Bruno Lobo, ganhou um companheiro de jornada e o nome com o qual viria a ser conhecida publicamente: Eulália Maria Lahmeyer Lobo ou, simplesmente, Eulália Lobo.

Em vida, Eulália recebeu várias homenagens que representam o grande valor de sua obra e a imensa admiração dos ex-alunos, colaboradores e colegas. Entre as inúmeras honrarias que recebeu destacam-se os títulos de Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1985), Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB , 1998), Professora Emérita da Universidade Federal Fluminense (UFF, 1998), Sócia Emérita da Associação Nacional de Professores Universitários de História – Rio de Janeiro (2000), Medalha Carlos Chagas Filho por sua contribuição ao desenvolvimento científico nacional (2005), entre outros.

A historiadora

Eulália gostava de contar que virou historiadora muito cedo graças à opção de seu pai por uma educação não convencional para os filhos, e à criatividade da professora Nair Lopes que, em casa, ensinou às crianças da família o gosto pela História e pelas viagens.

Na Faculdade Nacional de Filosofia, atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Eulália encontrou um ambiente voltado para a formação de professores e tornou-se professora, e das boas! Lecionou no Ensino Médio, foi Professora Universitária no Brasil e no exterior, deu cursos livres e de extensão. Nem mesmo o recrudescimento da Ditadura militar no Brasil, na segunda metade dos anos 1960, que atingiu em cheio as universidades brasileiras, conseguiu calar a voz e a vocação da professora. Ao longo de sua carreira, Eulália teve alunos nas instituições mais variadas, desde as mais tradicionais escolas de ensino superior a

espaços alternativos.[1] As disciplinas foram muitas nas áreas de: História da América, História do Brasil, História Econômica, Relações Internacionais e Historiografia, que tiveram como temática a industrialização, a urbanização, o movimento operário, o empresariado, a agricultura, as empresas, a imigração portuguesa, a tecnologia, os métodos e as técnicas da História etc.

Apesar da intensa atividade docente, esta não era o bastante para a criatividade de Eulália. A princípio dedicou-se aos estudos sobre política e administração, temática da História tradicional, que resultaram nos seus primeiros livros.[2] Ainda nos anos 1950, no início de carreira na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, desafiou o irascível Silvio Júlio, dono da cátedra de História da América, que foi seu professor e orientador e de quem por muitos anos foi assistente, ao escolher o tema de sua tese de livre docência. Enquanto Silvio Júlio (Silvio Júlio de Albuquerque Lima), bolivarianista convicto, defendia uma história de heróis, Eulália escolheu como tema o estudo não de um personagem, mas, de um grupo. Lutando com a dificuldade da documentação e o gênio terrível de seu orientador, Eulália escreveu sobre as tentativas dos jesuítas abrirem um caminho para o Rio Paraguai nos séculos XVII e XVIII. A tese de livre docência, com a equivalência da Reforma Universitária de 1966, transformou Eulália na primeira mulher doutora em História no Brasil e continha a influência do tempo em que o ensino superior da História se misturava ao da Geografia.[3]

O desenvolvimentismo dos anos 1960 incentivou os estudos em História Econômica e Eulália publicou seus primeiros trabalhos com esta problemática.[4] Embora a pesquisa não fosse a base da

---

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil (1952–2011); Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil (1980–2011); Universidade Portucalense Infante D. Henrique (UPIDH), Portugal (1994); Universtité de Bordeaux I (U. BORDEAUX I), França (1986); Universidade Santa Úrsula (USU), Brasil (1986); Ministério das Relações Exteriores, Brasil (1984); Instituto Roberto Simonsen (IRS), Brasil (1979); EIAP, Brasil (1977–1978); Centro Unificado Profissional (CUP), Brasil (1975–1978); University of California (UCLA), Estados Unidos (1982, 1976, 1974); Summer School (S. SCHOOL), Estados Unidos (1968–1974), ; University of South Carolina (SCAROLINAUNIVERSES), Estados Unidos (1967–1973), Ministério da Educação (MEC), Brasil (1957–1968); Colégio Pedro II, Brasil (1957–1968); Occidental College (OCCOLLEGE), Estados Unidos (1961); University of Texas System (UTS), Estados Unidos (1960); Arquivo Nacional (AN), Brasil (1959).

2 Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Administração Colonial Luso Espanhola nas Américas*. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira das Artes Gráficas, 1952. v.1. 445 p.; Idem, *Análise do Panorama Político da América Latina: Argentina, Chile e Peru*. Rio de Janeiro: 1957, 86 p.; Idem, *Análise do Panorama Político de 1956: Bolívia, Paraguai e Uruguai*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 1957. 58 p.; Idem. *Análise do Panorama Político de 1956: Colômbia, Equador, Venezuela*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 1957, 42 p.

3 Idem. *Camino de Chiquitos às missões Guaranis de 1690 a 1718*. Rio de Janeiro: Mimeo., 1957, 119 p.

4 Idem. *Processo Administrativo Ibero-Americano (Aspectos Sócio-Econômicos – Período Colonial)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962. 570p.; Idem. *Aspectos da Influência*

produção dos profissionais da Faculdade Nacional de Filosofia, a progressão na carreira e a curiosidade de Eulália a exigia. Assim, tanto para obter a cátedra em História da América,[5] quanto para se tornar professora titular da FNFi, Eulália escolheu a História Econômica como protagonista.[6] Nascia a historiadora econômica, papel que Eulália desempenharia por toda a sua vida, até o seu último trabalho acadêmico publicado em 2008.[7]

Mesmo em um dos seus últimos livros, de caráter muito pessoal, quando Eulália resgata a memória de seu pai, lá está inserido um exemplo de empresário no contexto da Economia de sua época.[8] Eulália estudou uma variedade temas ligados ou correlatos à História Econômica, dos mais gerais, como, industrialização, urbanização,[9] conjuntura,[10] e desenvolvimento econômico,[11] passando pelos ligados às atividades econômicas, industrial, agrícola, comercial e financeira, até os agentes econômicos, ou seja, operários,[12] empresários[13] e empresas.[14] Em suas pesquisas usou várias metodologias, com

---

dos Homens de Negócio na Política Comercial Ibero-Americana. Rio de Janeiro: Universidade do Estado da Guanabara, 1963. 109 p.

5 Idem. *Aspectos da Influência dos Homens de Negócio na Política Comercial Ibero-Americana*. Rio de Janeiro: 1963. (Tese para Concurso de Cátedra de História da América da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras).

6 Idem. *Aspectos da Atuação dos Consulados de Sevilha, Cádis e da América Hispânica na Evolução Econômica do Século XVIII*. Rio de Janeiro, 1965. Mimeo. 112 p.

7 Idem. *América Latina Contemporânea. Modernização-Desenvolvimento-Independência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1970. 205 p.; Idem. *História do Rio de Janeiro do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro.* Rio de Janeiro: IBMEC, 1978, v.2. 994 p.; Idem et alii. *Questão Habitacional e o Movimento Operário*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 229 p.; Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Maria Barbara Levy (Coord.). *Estudos sobre a Rio Light: relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Instituto Light; Centro de Memória da Eletricidade, 2008; entre outros.

8 Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Laura Lahmeyer Leite Maia. *Cartas de Antonio Dias Leite (1870–1952): Um olhar sobre uma época de transformação*. Rio de Janeiro: Lidador, 2005.

9 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *El papel comercial y financeiro de las ciudades en la America Latina de los siglos XVIII, XIX. Ensayos Sobre Urbanización En La America Latin*a, Clacso – Buenos Aires: 1978.

10 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo. "O Encilhamento". *Revista Brasileira do Mercado de Capitais*. Rio de Janeiro: 1976, v. 2, n. 5, p. 261–301.

11 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo (coordenação). *Rio de Janeiro Operário: natureza do estado e conjuntura econômica, condições de vida e consciência de classe, 1930–1970*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1992, 461 p. Participação de Antonio Oliveira, Bernardo Kocher, Eduardo Stotz, Eúlália Lobo, Fátima Lisboa, Luiza Martins, Mariza Simões e Pedro Tórtima; Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Economia do Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX*. In: Paul Neuhaus (Org.). *Economia Brasileira: Uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 123–160.

12 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Eduardo Navarro Stotz. "Flutuações cíclicas da economia, condições de vida e movimento operário". *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, 1985, v. 1, n. 1, p. 61–86.

13 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo. "La influencia de los mercadores em la Política Comercial y Colonial Iberica". *Libro de Homenaje a Luis Albero Sanches em los 40 años de su docência universitária*. Lima: 1967, p. 268–296; Idem. "La Burguesia Comercial de Rio de Janeiro siglos XIX–XX". In: Enrique Florescano. (Org.). *Orígenes y Desarrollo de la Bruguesia en América Latina. 1700–1955*. México: Editorial Nueva Imagem, 1985, v. 15, p. 171–206.

14 Eulália Maria Lahmeyer Lobo. "História Empresarial". In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de

destaque para a História Quantitativa, que lhe permitiu construir importantes séries de preços, salários, custo de vida, movimento comercial, entre outras;[15] e a História Comparada, notadamente entre países americanos.

Mesmo quando o fomento à pesquisa ainda era muito incipiente no Brasil, Eulália Lobo e Maria Yedda Linhares conseguiram coordenar equipes de pesquisa, sobre o Rio de Janeiro, formadas por alunos bolsistas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Enquanto Maria Yedda dirigia as pesquisas sobre a demografia, Eulália coordenava estudos sobre a economia. Entre os trabalhos coordenados pelas duas professoras estava o da jovem Maria Bárbara Levy, que viria a ser uma das mais importantes historiadoras econômicas do país, com quem trabalhou afinadamente até sua morte precoce em 1992. O ímpeto destruidor do Regime Militar não conseguiu impedir a pesquisa de Eulália sobre a economia do Rio de Janeiro. Sem se deixar abater, Eulália obteve recursos para concluir o seu trabalho junto à Fundação Ford e ao Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais (IBMEC), e publicou a sua mais consistente obra, que se transformou em um marco nos estudos históricos sobre a economia brasileira.[16]

Após a Anistia, Eulália teve o apoio institucional que viabilizou a consolidação de sua ação como professora, pesquisadora, gestora e orientadora que marcou toda uma geração de pós-graduados em História, tanto na Universidade Federal Fluminense, quanto na sua reinserção na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nos programas de pós-graduação da UFF e da UFRJ, trabalhou intensamente com duas grandes amigas, Ismênia de Lima Martins e Maria Bárbara Levy, com as quais dividiu a autoria em diversos trabalhos.[17]

Outro tema de pesquisa que foi muito caro à Eulália foi a história da imigração, motivada pela presença marcante dos imigrantes nos processos de industrialização e urbanização da América Latina e pela própria memória da experiência de seu pai. Os resultados de

---

Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 217–240.

15 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo ."Estudo das categorias socioprofissionais, dos salarios e do custo da alimentação no Rio de Janeiro de 1820 a 1930", *Revista Brasileira de Economia*, 1973, v. 27, p. 129–197; Idem. "Evolution des prix et du coût de la vie à Rio de Janeiro (1820–1930)". In: *La histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930 (Colloque international sur l'Histoire Quantitative du Brésil de 1800 à 1930, Paris, 1971)*. Paris, 1973, p. 203–217; Idem. "Una investigación sobre historia de los precios y salarios en Rio de Janeiro". *Estudios Sociales Centroamericanos*, 1972, v. 2, p. 143–154.

16 Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *História do Rio de Janeiro*... op. cit.

17 Ver, por exemplo, Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Maria Barbara Levy . "Industrialização, Previdência social e urbanização: o papel das seguradoras". In: Guy Martiniere. (Org.). *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, v. XXXIV, p. 645–665; Eulália Maria Lahmeyer Lobo, Ismenia de Lima Martins e Bernardo Kocher. *Guias dos Jornais Operários do Rio de Janeiro*. Niterói: UFF / Oficina de História, 1988 (Instrumentos de Ensino e Pesquisa).

suas pesquisas foram registrados em livros,[18] artigos e nas reuniões do Grupo de Pesquisa do Real Gabinete Português de Leitura.

Como profissional da História, Eulália travou grandes embates. Até seus últimos dias criticou o excesso de subjetivismo que invadiu as Ciências Sociais. Nos anos 1980, nadou contra a corrente da chamada Nova História, predominante nas universidades do Rio de Janeiro, e defendeu uma História Econômica crítica e renovada. Desde os anos 1970, contrariou o pensamento predominante entre os estudiosos da formação econômica brasileira, discordando que o Estado fosse o principal motor do desenvolvimento econômico. Demonstrou em suas pesquisas sobre o Rio de Janeiro, que as origens do capital e as características do empresariado e operariado não correspondiam às explicações que os intelectuais paulistas tentavam impor para todo o Brasil, extrapolando o exemplo único de São Paulo com seu café e seus imigrantes. Nos anos 1960, tentou transformar o ambiente universitário em um local mais democrático e mais adequado para a livre produção e circulação das idéias. Expulsa da universidade por motivos fúteis, somente explicados pela brutalidade do Golpe Militar, que ainda lhe impôs uma prisão de uma semana e inquéritos políticos-militares por razões não menos pífias. De volta à Universidade Federal do Rio de Janeiro, após a Anistia, esforçou-se para dar melhores condições à pesquisa, batalhando por bolsas junto às agências de fomento, usando as próprias mãos para resgatar a biblioteca perdida, investindo na infraestrutura do velho prédio e ganhando o desafeto dos oportunistas. Manteve-se íntegra até suas últimas semanas, quando ainda sonhava com uma recuperação e a conclusão de um trabalho sobre o comércio, que considerava uma lacuna na História Econômica do Brasil.

A viajante

Devido à sua condição social, Eulália desde menina tornou-se uma viajante. As viagens de Eulália foram registradas em diversas fotografias, a maioria de sua autoria e em uma série de entrevistas concedidas a Eduardo Stotz e Pedro Tórtima. Parte das referidas entrevistas foi publicada em dois *e-books*, respectivamente em 2005 e 2007.[19] Os livros dedicados às viagens pelo mundo destinam-se a

---

18 Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Imigração de Açores para o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 2002; Idem. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001, v. 1, 368 p. ; Idem. *Portugueses en Brasil en el siglo XX*. Madrid: Mapfre, 1994, v. 1. 440 p.

19 Eulália Maria Lameyer Lobo. *As Viagens de Eulália: China, Índia e sua Área de Influência*. Rio de Janeiro: Double M Multimeios Ltda, 2006 – CD-ROM; Idem. Viagens de Eulália – *Volume II: Mediterrâneo: conflitos entre o Oriente e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Double M Multimeios Ltda, 2009 – CD-ROM. Os dois livros foram edições baseadas em entrevistas

oferecer ao leitor algo diferente dos guias e dos tratados. A principal razão deve-se ao fato destas viagens terem ocorrido, desde o imediato pós-guerra, como assinala Eulália na introdução do primeiro livro, "ao sabor da vida devido a aspirações pessoais, ao gosto, à fruição do novo, da aventura, do inesperado, da quebra da rotina e, fundamentalmente, da busca do conhecimento e do belo."

Contudo, ao narrar suas incursões por tantos e variados lugares do mundo, Eulália preocupou-se em "resgatar a memória e reflexões sobre as viagens da época em que foram realizadas e repensá-las na perspectiva atual, acreditando que poderiam interessar a pessoas que tivessem motivações e curiosidades semelhantes às dos autores: dois historiadores e um sociólogo com perspectiva histórica".[20]

Não poderiam deixar de ser a memória e a reflexão de uma viajante na qual a formação de historiadora era desafiada a entender os modos de ser dos povos com os quais entrara em contato e se deslumbrara ao ponto de visitar o mesmo país em mais de uma oportunidade. Tal desafio tornava-se mais agudo e interessante na medida em que comparava as contribuições civilizatórias das culturas de cada país visitado para o desenvolvimento e o futuro da humanidade.

Os livros tem seu *leitmotiv* na grande divisão do mundo entre Oriente e Ocidente, cujos sentidos modificaram-se ao longo dos tempos, nas vagas de aproximação e afastamento, de criação e de rompimento de laços, principalmente dos países ocidentais em relação aos orientais.

No primeiro livro, dedicado à China, Índia e sua área de influência, relata as viagens na perspectiva de entender o Extremo Oriente em países cuja cultura encerrou, dentro de seus próprios limites, caminhos e destinos não compartilhados pela humanidade, mas que apontam, ao ver da viajante, formas e práticas sociais passíveis de entendimento e mesmo de incorporação no Ocidente.[21]

O segundo dedica-se ao encontro e disputa entre Ocidente e Oriente tendo como grande palco o Mediterrâneo.[22] Apesar de esse conflito ser tão antigo quanto as civilizações que se sucederam desde tempos remotos, uma oposição mais duradoura estabeleceu-me entre o Oriente islâmico e os impérios e cidades-estados cristãos. Contempla viagens pelo Egito, Turquia, Sicília, Marrocos, Tunísia, Portugal, Grécia, Espanha e Sul da França.

---

com Eulália Lobo, realizadas desde fins de 1999 até 2003, por Eduardo Stotz e Pedro Tórtima. Foram transcritas e digitadas por Mariluci Correia do Nascimento, e publicadas por Margareth Guimarães Martins.

20 Idem. *As Viagens de Eulália: China, Índia e sua Área de Influência*... op. cit.

21 Idem. Ibidem.

22 Idem. *Viagens de Eulália – Volume II: Mediterrâneo: conflitos entre o Oriente e o Ocidente*... op.cit.

O terceiro livro iria abranger o Novo Mundo, tendo como uma das referências a emergência dos EUA como potência regional no contexto das Américas e o contraponto ao expansionismo americano representado pelo México. É interessante que uma das entrevistas seja dedicada ao zapatismo, à experiência original da revolução e à contemporânea, no sul de Chiapas, desde 1994.

Mais tarde, em 2009, quando da publicação de "Mediterrâneo", Eulália cogitou utilizar o material destas entrevistas como apoio para um estudo sobre as comunidades andinas, inspirados no exemplo da Bolívia que então, com a vitória de Evo Morales e o Movimento Al Socialismo em 2005 projetava, no enfrentamento da questão agrária e o da dominação imperialista, a tradição aymara com suas raízes na cultura pré-colombina no cenário político dos países andinos.

Eulália morreu em 31 de maio de 2011, perto de completar 87 anos e depois de uma prolongada enfermidade que ao longo dos anos foi minando suas forças, mas, que, até o final, não conseguiu destruir o seu comovente amor pela vida e defesa intransigente de seus princípios.

Por sua grandeza esse texto é só um pequeno panorama de sua vida e obra e é como a preservamos, com saudade, em nossa memória.

Revista Rio de Janeiro, n. 10 ,
maio–ago. 2003, p 234–250.

Eulália Lahmeyer Lobo: entrevista

Por Cezar Honorato

Com a colaboração
de Lana Lage

O Rio de Janeiro, ainda cantado em prosa e verso pela nossa música popular, foi cenário e objeto de pesquisa de Eulália Lobo. A descoberta da cidade como centro de suas preocupações intelectuais ocorreu ao mesmo tempo que essa carioca mais se internacionalizava. Nascida em Botafogo, teve uma educação refinada e foi uma das pesquisadoras que mais se deteve na análise do movimento operário, da pobreza e da formação dos bairros populares. Alguém que se sente bem nos vários espaços sociais: como Professora Emérita da UFF e da UFRJ e como *flâneur* da Gamboa e de outros bairros populares. Alguém que admite uma certa "irresponsabilidade" de continuar a se deslocar pela cidade e de amá-la, apesar do medo presente. Em seu apartamento no Jardim Botânico, Eulália, mais do que nos receber com a sua conhecida generosidade, transportou-nos para o seu mundo e o de nossa cidade.

C.H. A senhora nasceu no Rio de Janeiro?

E.L. *Sou carioca, de Botafogo.*

Como era ser criança no Rio de Janeiro?

E.L. *Fui uma pessoa privilegiada. Nasci numa casa que hoje é a Casa Brasil–Estados Unidos, situada na Rua Visconde de Ouro Preto, 36, em Botafogo. Naquele tempo, era uma casa bonita e ainda é até hoje, era ampla, espaçosa, com jardim, tinha pomar, galinheiro. Havia árvores frutíferas, um pé de sapoti altíssimo, uma árvore linda, abacateiro, fruta do conde. Tínhamos espaço para brincar, muitos parentes, primos, um monte de crianças. A casa era muito alegre e atraente. Apesar de estar deformada pelo uso que estão dando a ela atualmente, é ainda bela e sóbria, inspirada um pouco no estilo inglês do século XIX. Meu pai trabalhou na Inglaterra e sofreu certa influência inglesa mesclada a influência portuguesa, que é a origem dele. Na entrada, havia uma porta de madeira e metal trabalhado que dava acesso a uma ante-sala com amplo arco que abria para um hall; no fundo do qual via-se um mural retratando as caravelas prestes a zarpar e, na escada, quando se subia o primeiro lance, deparava-se com um vitral, que está lá até hoje, mas meio maltratado. O vitral também figurava uma caravela. Os toques português e inglês na vida de meu pai estavam lá, muito claros, mas harmonizados, de bom gosto. O hall dava entrada para as salas de jantar e de estar. O almoço era, no mínimo, para dez pessoas, diariamente.*

C.H. Como era o bairro de Botafogo no seu tempo de menina?

E.L. *Era muito aprazível. Posso dar um exemplo da própria Rua Visconde de Ouro Preto, em cuja esquina com a Praia de Botafogo erguia-se a Nunciatura, um prédio*

renascentista lindo, com jardim amplo na frente, muitos passarinhos. Três arcos de pedra embelezavam a fachada. No fundo que dava para o de minha casa, havia um galinheiro e o tucano de meus filhos vivia perseguindo as galinhas da Nunciatura [risos]. Na esquina, do outro lado da rua, avistávamos o Colégio Lafayette, que funcionava em um antigo palacete do tempo do Império. Depois demoliram tudo e construíram lojas precárias, edifícios imensos com mini-apartamentos, blocos de cimento armado. Isso ocorreu também com Copacabana, onde foram construídos edifícios rapidamente, planejados para durar uns dez anos, pois depois desse tempo estariam acabados.

C.H. A senhora está se referindo a que década exatamente?

E.L. *Refiro-me às décadas de 1950 e 1960, em torno disso.*

C.H. Nessa época, então, começam a surgir os grandes prédios no Flamengo, em Botafogo, estendendo-se até Copacabana.

E.L. *Sendo que, no Flamengo, construíram-se prédios novos, com material de construção de qualidade, em sua maioria, até hoje. Em Botafogo, no entanto, foi um segundo momento, em que os especuladores imobiliários queriam ganhar o máximo, quer dizer, derrubar os palacetes e construir edifícios a baixo custo. Há poucos edifícios com bom material e plantas e arquitetura inovadoras na Praia de Botafogo, em geral, são todos com muita profundidade de terreno com centenas de apartamentos mínimos. Uma das poucas casas que perduraram até hoje é a que abriga o Colégio Andrews, uma construção do século XIX.*

C.H. A senhora tem uma relação forte com o Jardim Botânico?

E.L. *Moro no Jardim Botânico há quarenta e três anos. Bairro que acho muito bonito porque tem muito verde, muita floresta, muito contato com a natureza. Aqui neste prédio, são poucos andares; quatro e um quinto recuado. Ou seja, uma família por andar. Isto é bom porque não se convive com muita disputa em torno do condomínio. Aqui vejo macacos no terraço de trás, mico, macaco-prego, muitos passarinhos, guaxinins (por guaxinim eu não sinto muita simpatia). Mas tenho aqui um bom contato com a natureza. E o barulho fica a uma certa distância, as ruas que sobem o morro não são muito movimentadas, terminam na floresta.*

C.H. Quando a senhora mudou-se para o Jardim Botânico, podia-se avistar a Lagoa. A senhora acompanhou esse processo de verticalização do bairro?

E.L. *Este processo agora está intenso, inclusive, ficou um caos, construção para todos os lados; estão destruindo este mês duas casas na curva do caminho para fazer um*

prédio enorme com cascata, bosque. Vai ser um pouco como a casa da Dinda, com certeza [risos]. Eram construções, não do porte de Botafogo, mas mais modestas, com prédios de três andares, compatíveis com a largura da rua, com o espaço disponível entre o morro e a Avenida Jardim Botânico de um lado e do outro lado, até a Lagoa, de modo que os prédios eram proporcionais ao espaço disponível, eram mais harmônicos. Felizmente, moro na Zona R, de preservação ambiental. Por exemplo, no prédio em que a construção será do tipo da casa da Dinda, a entrada de garagem é subterrânea; este tipo não é permitido na Zona R. Estou no limite entre a Zona R e a Zona Livre.

C.H. Quando a senhora e sua família vieram para o Jardim Botânico, o bairro era tão valorizado como é hoje? Era um bairro de origem operária, por conta da fábrica. Como era essa relação do bairro naquele tempo e atualmente no Rio de Janeiro?

E.L. *O Jardim Botânico era um bairro operário, tanto que ainda na Rua Jardim Botânico encontra-se muita construção modesta, pequena e há uma vila operária que fica na Rua Pacheco Leão, habitada por mestres, uma categoria um pouco acima de operário. As casas operárias daquela época eram de muito bom padrão. Os dispositivos municipais no fim do século XIX obrigavam as casas operárias a obedecerem certos padrões. O grande construtor da época chamava-se Evonéas. Tanto que essas casas operárias passaram a se chamar Evonéas por causa do nome do engenheiro.*

A senhora se refere a que fábrica?

E.L. *Essa fábrica acabou. Fica justamente no fim desta rua [Rua Senador Simonsen]. Se você entrar no mato, numa parte em que não se permite o acesso, de uns tempos para cá, pode ver as ruínas da fábrica, o aqueduto. As fábricas eram localizadas em função da água. No início da industrialização no Rio, as principais fábricas eram as de tecido, como em geral aconteceu no mundo inteiro [a principal era a Fábrica Corcovado, que depois foi incorporada pela América Fabril. Hoje, o local é sede da Rede Globo].*

C.H. O Jardim Botânico era um airro com traços de população operária e de classe média modesta...

E.L. *Mas existiam também muitas fazendas. Aquele prédio que restauraram dentro do Jardim Botânico era uma antiga fazenda de cana-de-açúcar. A Lagoa Rodrigo de Freitas começou a ser povoada a partir da usina de cana.*

Hoje, o Jardim Botânico é um dos bairros mais valorizados do Rio de Janeiro, embora esteja virando corredor para a Barra da Tijuca.

E.L. *Este é o meu receio. Isto foi o que aconteceu com Botafogo, que virou corredor entre o Centro e a*

Zona Sul. Aqui as autoridades debateram muito, o arquiteto Sérgio Bernardes propôs abrir um caminho pela encosta da montanha, em uma altura que não prejudicasse a floresta. Não vingou o projeto, mas eu tenho muito medo de que tais projetos venham a depredar uma mata muito preservada. Numa área estreita, situada entre a Lagoa, a mata e a montanha.

C.H. Antes da construção do Túnel Rebouças, o Jardim Botânico era uma área à margem do morar bem no Rio de Janeiro?

E.L. *No tempo da fundação da cidade, os "homens bons" moravam sempre junto à praça principal. Na maioria das cidades do mundo, o centro sofreu um esvaziamento. Recentemente, está havendo uma política de revigorar o centro, mas ainda não na escala necessária. Aqui no Rio, a restauração do Palácio do Vice-Rei está muito bonita. Também a Casa França-Brasil, o corredor cultural do centro, o Centro Cultural Banco do Brasil. Toda essa renovação é um esforço meritório de restaurar a cidade. Parte desta área central está um encanto; mantêm-se as ruas com as casas comerciais típicas dos portugueses. O Rio era uma cidade muito portuguesa. Houve uma imigração maciça de Portugal para o Brasil depois da Independência. A área entre a Praça XV e o Centro Cultural Banco do Brasil [Rua Primeiro de Março] está sendo restaurada com muito bom gosto, estão fazendo um bom trabalho, preservando, evitando os contrastes, mantendo uma harmonia. Aquelas ruazinhas do Centro, as casas de dois andares revestidas de azulejos, com balcões, a Igreja dos Mercadores na Rua do Ouvidor, conservam um grande encanto. Não dá para falar do Rio de Janeiro português sem mencionar o Real Gabinete Português de Leitura. É uma pena o que aconteceu com a antiga catedral; fizeram aquela reforma para ficar ao gosto de século XIX, só que era muito mais bonita antes. No passado, o chique era o Centro e São Cristóvão, que era junto do Palácio do Imperador, onde morava a aristocracia. Nas primeiras fases do Rio de Janeiro, esses eram os pontos preferidos. A Primeiro de Março, por sua vez, era uma grande zona de comércio, muito valorizada. São Cristóvão ainda mantém muito daqueles chalezinhos.*

Esses chalés de São Cristóvão ainda persistiram porque no Centro basicamente não sobraram casas.

E.L. *Ali, por trás do Banco do Brasil, na Rua Primeiro de Março, existem algumas ruas que estão em bom estado de conservação: a Rua do Ouvidor, a Rua da Quitanda e outras ruazinhas naquela região. A região que vai do Arco do Teles, a Praça XV, até a parte de trás do Banco do Brasil. Aquela área toda se preservou. A atual Casa França-Brasil, que é linda, já foi uma Alfândega e depois abrigou um Tribunal de Justiça. O Mosteiro de São Bento...*

Há também a área em torno da Rua Camerino, próximo à Praça Mauá. Inclusive, seu pai teve comércio ali.

E.L. *Meu pai teve uma casa na Rua Primeiro de Março. Primeiro, ele foi para uma casa comercial que não era dele, trabalhava como empregado, chegando a ser sócio. A primeira casa foi a Costa Pacheco, na rua do Rosário. Depois, ele montou a casa dele com o sócio, a Siqueira Leite. Na região em torno da Rua Primeiro de Março as casas ainda estão de pé, sempre com aquelas características muito parecidas com as da burguesia comercial de Lisboa. Geralmente, são de dois andares, têm fachadas revestidas de azulejos, balcões de ferro forjado, o telhado de duas águas, são modestas e harmoniosas. Na região da Regente Feijó, da Praça da República, à Praça XV encontram-se várias ruas com esse tipo de habitação que lembra a de Lisboa, inclusive algumas casas de pasto especializadas na comida típica portuguesa, a Igreja barroca do Carmo. A arquitetura é diferente da de São Cristóvão, onde predominam moradias que lembram as da aristocracia rural, refletindo o caráter imperial do bairro e chalezinhos mais modestos, que não são o padrão dominante.*

C.H. Lembramos do Caju, onde se podia encontrar habitações populares, na área em que moravam os trabalhadores do Porto. E o Santo Cristo, outra região operária...

E.L. *O Santo Cristo é um bairro muito bonito. Muita gente do Rio de Janeiro nem o conhece. A nova geração, a classe média, os adolescentes não sabem que o bairro existe. O Rio de Janeiro histórico, muitas pessoas da zona sul não vão visitar. É muito raro isso acontecer. Apesar da política de valorização do Centro que tem sido feita, das promoções culturais, exposições... Santo Cristo é um encanto.*

C.H. Se formos caminhando da Rua Camerino, por trás da Central do Brasil, vamos nos deparar com um conjunto arquitetônico que termina no Santo Cristo.

E.L. *O Sérgio Niemeyer Lamarão e outros colaboradores fizeram um documentário excelente mostrando as origens do bairro de Santo Cristo, suas oficinas belíssimas com uso de metal forjado, as escadarias. À noite, podem ser vistas pessoas sentadas na calçada, ouvindo música... Preservou-se o chorinho. Avista-se dali do alto a Penha, bairro também ligado aos portugueses. A Festa da Penha era de origem religiosa portuguesa, as barracas tinham nomes lusos como a Barraca Camões.*

C.H. E como surgiu a historiadora?

E.L. *Surgiu muito cedo, porque meu pai tinha muita preocupação de que eu não fosse para uma escola convencional. Ele achava que o ensino era muito rotineiro, baseado*

na memorização de informação, não despertando espírito criativo. Então, ele teve a preocupação de promover em casa um ensino diferente. Quem o ajudou foi a professora Nair Lopes, uma pessoa fora do comum, inteligente, com muita imaginação. De modo que eu cursei o primário e princípio do ginásio em casa, com os primos e meu irmão. Era um cursinho à parte, algo completamente diferente do programa oficial. O ensino era feito da seguinte maneira: os alunos imaginavam que iam fazer uma viagem; então, teríamos de escrever cartas dos vários lugares onde supostamente estaríamos, contar as aventuras que quiséssemos, contanto que déssemos informações sobre a extensão do estado, a população, a vegetação, integrando tudo, geografia, história, economia. Tenho ainda esses cadernos porque minha mãe guardou. Havia um do Brasil, com essa visão conjunta. Fazíamos também viagens no tempo, imaginávamo-nos na Síria, na Pérsia etc., vestíamo-nos com roupas que buscávamos para imitar em modelos, em cartões-postais. Podíamos fantasiar as coisas como se fosse uma peça de teatro, contanto que incluíssemos os dados, que estudássemos, pesquisássemos. Era interessante, bem diferente, muito divertido, a gente adorava. Nessa época íamos muito para o sul de Minas. Ah! Também tínhamos uma atividade que parece muito moderna, mas que nós já fazíamos: viagens para o futuro, a gente imaginava como seria o futuro.

C.H. Quando a senhora ingressou no ensino oficial?

E.L. *No primeiro ano ginasial enfrentei a maior dificuldade: as provas dos colégios oficiais. No primário não era assim, foi mais fácil, mas no secundário isto era obrigatório, o estudo em colégio reconhecido. Foi complicadíssimo o que meu pai arranjou, uma autorização para que não freqüentasse o colégio: ele pagava o colégio e eu só ia fazer as provas. O secundário eu fiz no Colégio Jacobina. Esse método de estudo através da "viagem" me levou muito para a história. Depois, no Jacobina, encontrei uma pessoa que colaborou para que eu unisse o que aprendi na minha infância com o ensino superior: Américo Jacobina Lacombe.*

C.H. Sim, Américo Jacobina Lacombe, um grande historiador.

E.L. *Um homem de grande conhecimento, muita cultura, de atitudes elegantes, pessoa discreta, com uma cultura ampla, um historiador que se preocupava com as relações internacionais, com a colocação do Brasil no mundo e que desempenhou papéis relevantes no exterior. Ele representava o Brasil em congressos externos em uma época que não havia tantos eventos acadêmicos como há agora. Américo Jacobina era uma das raras pessoas que estavam sempre freqüentando a União Panamericana, que circulava em âmbito internacional. Contudo, ele não se interessava pelas matérias pelas quais eu mais*

me interessei. Ele se voltava para a questão diplomática, o direito internacional, era uma pessoa conservadora, mas que mantinha uma compreensão abrangente e ótimo didata.

E como foi o seu ingresso no ensino superior?

E.L. *Entrei na faculdade justamente no ano em que o governo promoveu uma reforma no ensino, quando foi criado um período complementar de dois anos depois do ginásio, antes de entrar para a universidade. O ensino superior no Brasil baseava-se nas escolas profissionais. Caberia à recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia introduzir o conceito de universidade. O Governo de Getúlio Vargas implementou essa política educacional, liquidando com a proposta de Anísio Teixeira, a Escola Nova. Foi uma época de contradição, mas que ficou menos visível porque contava-se com muitos professores estrangeiros convidados que não estavam filiados a essa discussão.*

C.H. Desses estrangeiros que estavam no Brasil na década de 1940, qual deles a senhora mais recorda?

E.L. *Antoine Bon. Mas quem me preparou para o vestibular foi o Américo Jacobina. Fui na casa dele, no Cosme Velho, e perguntei se ele poderia me preparar para as provas dali a dois meses; por isso ele teve um papel muito importante para mim. Ele foi a primeira pessoa a me visitar quando eu fui expulsa da Faculdade de Filosofia.*

C.H. Expulsa?

E.L. *É. Eu fui expulsa da universidade [risos].*

C.H. A senhora foi uma das primeiras catedráticas do Brasil, até os anos 1950?

E.L. *A maioria dos professores da Faculdade de Filosofia não eram formados em História, pois não havia essa habilitação, que estava ainda sendo criada. A maioria do corpo docente era graduado em Direito, e autodidatas em História. A oferta de bolsas de pesquisa e a promoção de eventos acadêmicos eram escassas até a década de 1950; Capes, CNPq ainda não existiam. O objetivo primordial da FNFi era o de formar professores para o ensino secundário.*

C.H. A senhora fez concurso para a Cátedra de História da América, algo inusitado na década de 1950. Primeiro, uma mulher fazer concurso para a cátedra; segundo, a senhora era muito jovem e a cátedra significa o topo da carreira acadêmica; terceiro, concorreu em uma área que não tinha ainda tradição no Brasil – História –, muito menos em História da América.

E.L. *É verdade. Não havia mesmo uma tradição construída. Quanto à História da América, havia uma atitude do Estado brasileiro de dar as costas para o Pacífico; o pólo de*

atração era o Atlântico, o luso-tropicalismo. O meio acadêmico, os militares, a alta burocracia tendiam a exaltar a singularidade do Brasil e o seu "destino manifesto", a liderança. Tendíamos a nos considerar mais adiantados econômica, social e culturalmente do que a América Latina, e diferentes; queríamos ser diferentes. Os militares tinham essa forte tradição; e os governos militares recentes tinham uma visão antagônica da América Latina, estavam voltados para o Atlântico afro-luso-brasileiro, e valorizavam o intercâmbio com as colônias da África.

C.H. Falando em governos militares, sabemos que a senhora sofreu perseguição política como professora catedrática. Esta triste história do país já foi registrada por vários historiadores, mas gostaríamos de resgatar um aspecto dela. Como analisar o fato de uma cidadã nascida e criada no Rio de Janeiro, como é o seu caso, ser de repente tirada da cidade e não encontrar outra saída a não ser a ida para o exterior?

E.L. *Não fui formalmente expulsa. Saía e voltava para o Brasil. Houve todo um momento de euforia, quando fiz o concurso para a Faculdade Nacional de Filosofia. Nos anos 60, considerava-se que o Brasil ia progredir, que estava assegurado um futuro brilhante, era a visão que predominava. Eram necessárias mudanças na sociedade, mas não havia o perigo de o Brasil ficar subdesenvolvido, porque entre outros fatores dispunha de abundantes recursos naturais. Essa perspectiva também se encaixava naquela visão otimista do evolucionismo. A maioria das escolas de pensamento na época era evolucionista. O Brasil era um bom candidato a alcançar a sociedade ideal porque contava com algumas precondições favoráveis; a maior reserva biovegetal do mundo, uma extensão de meio continente, rios, praias, ausência de terremoto, restritas terras áridas... Surgia o ufanismo do trópico, até então criticado. Lembro-me que a Missão Francesa tinha uma visão do trópico negativa. Nessa época, desenvolveu-se uma visão positiva do trópico como um lugar de exuberância, de abundância (aliás, no Pantanal tem-se essa impressão: parece um paraíso terrestre onde se pode viver do extrativismo, caça, pesca, coleta milagrosa...) Essa perspectiva retoma as tradições indígenas da lagoa de Xaraiés, o indigenismo, o luso-tropicalismo. No pensamento de Josué de Castro, na geografia da fome, já se pensava em eliminar a fome – e ainda estamos falando nela, até hoje... Havia uma expectativa, nacional e internacional, um consenso difuso de que estava garantido um futuro brilhante para o Brasil. Eu estava vivendo no meio desse clima, dessas idéias positivistas e evolucionistas. O próprio Marx previa uma sociedade ideal, que se enquadra dentro de uma linha evolucionista.*

C.H. E o exílio, em que ano foi?

E.L. *Depois da chamada "Revolução de 1964", depois do AI-5. Aparentemente, num primeiro momento, ainda com o Castelo Branco; as intenções de quem não pareciam tão radicais; pensava-se ser possível voltar rapidamente a "democracia". O Brasil manteve a tradição de golpe de Estado, na qual se suspende temporariamente a democracia, para depois recolocá-la no cenário político. Ninguém imaginou, a não ser os próprios militares e seus aliados, que a ditadura militar pudesse demorar tantos anos. Pensava-se que seria um golpe de quatro ou cinco anos no máximo, depois se voltaria ao normal. Seria possível resistir dentro da universidade. Castelo Branco, então, se instalou no poder e houve uma perseguição aos professores e alunos, um controle, uma censura, uma pressão. Não fomos expulsos logo da universidade, nem aqui, nem em São Paulo, nem no país inteiro. Colocaram-se bombas, no IFCS, em Botafogo... Uma bomba explodiu à noite no jardim do IFCS. Eu, Bruno Alípio Lobo e Gilberto Velho fomos tentar impedir, mas somente nós, e o porteiro estávamos lá no meio da noite, alertados por Marina São Paulo Vasconcelos... Houve uma tentativa de impedir a invasão da polícia, do Exército, da Aeronáutica; fez-se um programa permanente de aula, sem cessar, para impedir que os militares dominassem a universidade. Depois a situação agravou-se ainda mais e, então, veio a expulsão. Uma medida arbitrária tomada sem processo, sem defesa, porque não havia acusação.*

C.H. E a senhora, depois do afastamento da universidade, vai para onde?

E.L. *Primeiro, fiquei aqui no Rio de Janeiro, fazendo tradução simultânea em seminários e congressos para empresas particulares. Numa crise anterior da universidade tive uma experiência de trabalho fora da universidade, na Embaixada da Indonésia, 1955/1956. O presidente Sukarno era uma pessoa interessante, um homem de muito valor, uma pessoa muito culta e, pasmem, um feminista, o maior que já conheci. Um feminista autêntico do mais importante país muçulmano do universo, maior em número de pessoas. Lá, o salário da mulher era maior do que o dos homens, ele inverteu a prática vigente. Fui muito bem recebida pelo adido cultural da Embaixada da Indonésia. Eu já comecei a ganhar mais por ser mulher, os funcionários homens ficavam chateados [risos]; além de uma percentagem pelos diplomas a título de estímulo à educação feminina. Havia uma discrepância enorme em todos os países muçulmanos entre a educação de mulheres e de homens. Ele fez acordos econômicos com o Brasil, no comércio de borracha. Promovia no Dia da Mulher um banquete espetacular. A comida indonésia é uma maravilha. Gostei muito de trabalhar para a Indonésia. Trabalhei também como Conselheira da América Latina em relação à*

questão da Irian Ocidental (Borneo). Foi um emprego fora do comum. Saí da Embaixada porque Borneo foi conquistada, em 1966. Após alguns meses depois da demissão da UFRJ fui convidada como professora visitante nos Estados Unidos.

C.H. E a Universidade de Carolina do Sul?

E.L. *Fui para lá vários anos seguidos. Ficava um semestre por ano. Quando voltava, fazia pesquisa com um grupo de alunos sobre a cidade do Rio de Janeiro que resultou em um livro de mil páginas.*

C.H. Um clássico para os historiadores [*História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978].

E.L. *O grupo que trabalhava comigo era muito dedicado e fiquei contente de poder pagá-los em dólar; a cada mês o valor aumentava [risos]. A Ford Foundation foi a instituição que abriu mão do seu estatuto que não permitia concessão de verbas a pessoas que não estivessem vinculadas a algum órgão para financiar essa pesquisa. Eu não pertencia a nenhuma instituição, era autônoma. Os seis meses que ficava aqui, trabalhava com o grupo e quando partia deixava tarefas. O Rio de Janeiro era muito pouco estudado, sobretudo do ponto de vista econômico. Achamos importante fazer um levantamento básico que incluísse as profissões, a demografia, a economia, a produção, por isso, o trabalho conta com uma parte grande de dados.*

C.H. Nessa pesquisa, a senhora acabou absorvendo pessoas, tais como a Maria Bárbara Levy, que ainda não voltara da França. Várias pessoas trabalharam no livro.

E.L. *A Bárbara Levy trabalhou numa pesquisa no IFCS. Tinham várias pesquisas coletivas, uma dirigida por mim, sobre o aspecto econômico, e outra pela Yedda [Maria Yedda Leite Linhares] sobre a demografia do Rio de Janeiro. A minha pesquisa era sobre a história econômica dessa cidade. Quando houve a revolução, Muniz de Aragão, então reitor, disse que ia fazer tudo pela autonomia da universidade, poderia até ser preso, que ele jamais deixaria interferir nas pesquisas. Mas, logo cedeu em tudo, uma vergonha. Ninguém estava pedindo aquelas declarações retumbantes; ninguém está obrigado a ser herói. Falar em público com toda pompa para depois permitir o cancelamento das pesquisas no Conselho da Universidade. Os alunos ficaram sem bolsa. Eu fui então solicitar verba a Ford Foundation, que financiou, e em seguida o IBMEC [Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais] complementou; uma instituição brasileira que apoiou as pessoas excluídas das instituições de ensino pelo governo militar. Outras pessoas também tiveram a oportunidade de trabalhar graças ao IBMEC,*

inclusive Maria Bárbara Levy, que me apoiou.

C.H. Como a UFF surge em sua vida?

E.L. *Retornei ao Brasil definitivamente na década de 80. Nos Estados Unidos, trabalhei em diversas universidades, entre as quais a University of California, em Los Angeles, como professora visitante, em 1967, 1974, 1976 e 1982, e a University of South Carolina, em 1967 e 1973. A professora Aydil Preis coordenava a Pós-graduação de História na UFF. Graças a seu caráter e coragem conseguiu manter a qualidade do curso da Fluminense no período da ditadura. Convidou professores estrangeiros que não sofreram perseguição, muitos norte-americanos. Eu não entrei na UFF por concurso, foi por convite. Então, eu não podia ser professora catedrática, fiz uma carreira estranha, fora professora catedrática do IFCS e voltei à universidade brasileira como professora adjunta do ICHF–UFF.*

C.H. Mas a situação no IFCS/UFRJ foi revista mais tarde...

E.L. *Só com a Anistia. E Aydil me contratou antes da anistia, ela renovou a Pós-graduação de História da UFF.*

C.H. Formou-se, nesse processo, um escola de história brasileira referencial na UFF.

E.L. *O IFCS estava enfraquecido, professores competentes afastaram-se, outros foram expulsos pela ditadura militar. Na volta ao Brasil, fiz um levantamento da produção de história do IFCS e apenas três teses foram defendidas durante o governo militar.*

C.H. No início da década de 1980, houve uma reflexão importante liderada pela UFF, particularmente, tendo à frente a senhora, a Maria Yedda Linhares, a Bárbara Levy, a Ismênia de Lima Martins, Victor Valla, Falcon, grupo que iniciou uma nova história no Brasil. Uma discussão muito mais avançada do que a que era feita em outras instituições.

E.L. *Ocorreu um processo de revisão profunda da historia, questionando o seu caráter científico. O objeto da história, a realidade, seria inalcançável e apenas perceptível o seu reflexo. O espaço e o tempo não existem em si mesmos para esses críticos. O tempo único, universal, foi substituído pelo tempo subjetivo, de curta ou de longa duração, individual ou coletivo, o espaço físico, geográfico, poderia ser recortado em função do objetivo do pesquisador, da disponibilidade de fontes acessíveis. Houve também uma ampliação do objeto da história, incluindo e valorizando temas tais como o gênero, a família e as redes familiares, o cotidiano e o privado, o marginal, os vencidos, os pobres etc. Simultaneamente declinou o interesse pela história*

econômica. O uso da quantificação em história foi motivo de polêmica, atribuindo-se um caráter político a ela. Creio que não se pode negar a importância de quantificar, e o que estava em jogo na realidade era a natureza do fato histórico, definido, tradicionalmente, como singular, não repetitivo. A quantificação admitia, implicitamente, a inclusão dos fatos repetitivos seriados na categoria de fatos históricos. Creio que é óbvio a existência de ambos. Outro ponto importante foi o da tendência ao predomínio da história local e regional em detrimento da visão de conjunto. Já se esboça uma reação às correntes de pensamento acima mencionadas: formou-se a Associação de Pesquisadores em Economia, cujos membros oriundos de todas as regiões do país têm estimulado o desenvolvimento da história econômica. A história do gênero já ultrapassou a fase do situar a mulher como heroína ou vítima. As biografias e histórias de empresas estão mais entrosadas no quadro socioeconômico-cultural geral fazendo uma ponte entre a macro e microhistória. A globalização está restaurando a visão universal.

C.H. Inclusive sobre o movimento operário?

E.L. *Havia escassa pesquisa sobre este assunto quando orientei o grupo de estudos do "Rio de Janeiro Operário", no ICHF–UFF. Nessa época predominavam os temas da organização sindical e da legislação trabalhista provavelmente devido, em parte, à origem dos professores – a Escola de Direito. É um ponto interessante, mas não único e já fora muito explorado. Na nossa pesquisa resolvemos centrar a análise em outros aspectos, tais como condições de vida, a questão da consciência operária, a derrubada do sindicato tradicional, as comissões de fábrica etc. Também levantamos na imprensa as poesias, as peças de teatro operárias, publicando artigos e uma antologia da poesia operária, trabalho realizado com excelência por Bernardo Kocher.*

C.H. A senhora integrou o primeiro Conselho Editorial da *Revista do Rio de Janeiro*. Como surgiu esta publicação?

E.L. *Sim. Um grupo acadêmico que reunia principalmente historiadores, mas também geógrafos, antropólogos tomou essa iniciativa. A revista teve altos e baixos, o que se reflete nas suas três fases; morreu três vezes e ressuscitou. Na primeira fase, o Edmilson [Antonio Edmilson Rodrigues, editor da fase atual] que era, e ainda é hoje, o mais otimista, trabalhou muito para reunir especialistas representativos e conseguiu o financiamento da Xerox. Teoricamente, pensava-se em uma revista que seria uma referência das mais importantes instituições de pesquisa do Rio de Janeiro em história, sociologia, ciências humanas. Na realidade, as instituições não fizeram quase nada, foram os indivíduos que representavam as instituições que trabalharam, elas só figuravam e a Xerox pagou os quatro primeiros números.*

Recusou-se, porém, a renovar o compromisso, apesar da revista contar com número suficiente de leitores para justificar sua manutenção, ter boa qualidade gráfica e científica, reconhecida em parecer favorável da própria Xerox. Porém, havia um argumento da financiadora que nós não podíamos derrubar: para conseguir isenções de impostos, era mais vantajoso para as empresas adquirir objetos de arte, que se valorizavam com o tempo.

C.H. Um periódico científico que não agregava muito valor, exceto o acadêmico...

E.L. *A Revista Rio de Janeiro foi lançada em dezembro de 1985, em meio à abertura política. Divulgou matérias originais de história urbana e do Rio de Janeiro em particular, como, por exemplo, a história dos bairros, que ninguém fazia, ou se fazia, era um texto com a preocupação de um toque pitoresco, ou crônicas.*

C.H. Como se formou o núcleo inicial da *Revista Rio de Janeiro*?

E.L. *Edmilson Rodrigues foi uma pessoa fundamental, muito dinâmico, que marchava à frente de todos. O Conselho Editorial era composto por representantes de instituições universitárias do Rio de Janeiro e de Niterói. Edmilson, da UFF; Eduardo Stotz (hoje está na ENSP); Ismênia Martins, da UFF; Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa, representado por Eduardo Silva; Maurício Abreu, da UFRJ; Sérgio Lamarão, da FGV; Marcus Venício Toledo, da Biblioteca Nacional; Robert Pechman, da UFRJ; Mônica Leão e Giovanna Rosso del Brenna. Este era o grupo-base.*

C.H. E como foi a segunda fase da *Revista Rio de Janeiro*?

E.L. *A primeira ressurreição foi na Uerj. Começou com uma iniciativa grandiosa, convocando o corpo docente das principais instituições de ensino do Rio de Janeiro e Niterói. Na prática, houve uma redução dos colaboradores e do caráter multidisciplinar da revista. A distribuição era péssima e durou apenas três números. Ela foi financiada nessa fase pela Uerj. Foram quatro números na primeira fase, três na segunda, e essa nova fase começa com o número oito. A primeira fase foi mais inovadora, tanto do ponto de vista temático, quanto do metodológico; era graficamente mais bem-feita.*

C.H. Para a senhora, como deveria ser a *Revista Rio de Janeiro*?

EL –Multidisciplinar, oferecendo vários enfoques, visões e concepções sobre a realidade, rejeitando o exclusivismo dos debates. Acho muito importante também dar oportunidade a novos autores. Deveria abrir espaço para os grandes debates em curso. Pensar em criar uma seção de debates sobre temas em evidência, mas não precisa ser burocraticamente obrigatório ter a seção de debates em todos os

números. A Revista do Rio de Janeiro podia também publicar resenhas, inclusive de teses e dissertações: muitos textos de valor não são publicados, ficam fechados dentro da gaveta [de fato, citamos com regularidade a tese de Ana Maria Monteiro, um trabalho fundamental que não foi publicado, dirigido aos que estudam a industrialização no Rio de Janeiro].

C.H. A senhora é uma carioca dos novecentos, que estudou o Rio de Janeiro desde os setecentos. O que a senhora tem a dizer do Rio de Janeiro do século XXI, como pessoa, como intelectual, de um modo bastante amplo...

E.L. *Pesquisei a história do Rio de Janeiro do século XVI à década de 1970, tendo colaborado e dirigido a elaboração de um texto intitulado "Rio de Janeiro Operário" publicado pela editora Access. Rio de Janeiro, 1970. Não estudei essa cidade no século XXI, vou ter de pensar um pouco para responder, porque é uma questão muito complexa. Como pessoa, tenho uma posição pouco racional, subjetiva e emocional. É do consenso geral que a qualidade de vida deste centro urbano piorou quanto à segurança pessoal, à presença da violência, aos problemas do dia a dia, ao abastecimento. O cotidiano ficou mais difícil. Mesmo assim, eu descubro muitos encantos nas paisagens, nos jardins, na floresta, nas praias. Eu não sinto medo de sair no Rio de Janeiro, saio tarde, freqüentemente vou sozinha a lugares que as pessoas acham perigosos. Ajudei a organizar um seminário na favela da Maré, junto com pessoas da comunidade, até os traficantes passaram por lá, não sei se para assistir ou para verificar o que estava acontecendo [risos]. Eu não tenho medo, mas concordo que há motivos para ter, do ponto de vista lógico. Acho o Rio uma cidade bonita, sobretudo no centro, no sul e no Alto da Boa Vista, apesar de grande parte ter sido destruída e mal reconstruída. Infelizmente, não há uma estabilidade como numa Paris, numa Roma. Até morros, como o do Castelo e de Santo Antônio, foram derrubados, pouco resta do passado. O Rio de Janeiro é bonito do ponto de vista da presença da natureza, que é muito forte. Apesar de toda a violência, me sinto bem aqui. Porém, sou privilegiada; moro num bairro onde não há violência, cada bairro tem a sua história; vivo em condições econômicas boas. Minha secretária mora na Maré e também gosta do Rio de Janeiro e eu também gosto da Maré. Gosto da cidade, não só dos bairros das pessoas privilegiadas, mas do Rio de Janeiro dos pobres também. Quando viajo, tenho prazer em chegar de volta ao Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro está sofrendo um declínio que veio desde a abolição da escravatura, a crise do café, a perda da primazia da produção industrial e do status de capital. O deslocamento do eixo para Brasília foi fatal para a antiga metrópole em termos de perda de verbas e de mercado, houve um esvaziamento do hinterland, que custa a se sustentar, com a decadência do*

café, da cana-de-açúcar e da criação do gado. Diferente de outros estados, o Rio de Janeiro tem um mínimo de continuidade histórica agradável. Temo que tudo seja demolido dentro de pouco tempo e substituído por construções modernas precárias produzidas em massa, como na Barra, dentro de um padrão de globalização.
Os problemas de saúde pública, de reurbanização das favelas e dos subúrbios são desafiadores. Alguns economistas julgam que a prosperidade poderia ser resgatada com o turismo e desenvolvimento das atividades educacionais de pesquisa, a revitalização do porto e de algumas linhas de indústria. O Rio de Janeiro foi um posto avançado da colonização portuguesa responsável pela segurança da fronteira sul e mais tarde do ouro; com pequena população basicamente indígena. No século XVII a cidade ficou dependente da economia de plantação de cana e perdeu sua função militar defensiva. A escravidão negra passou a ser sustentáculo da economia. No século XVIII expandiu sua função portuária com o ciclo do ouro e adquiriu importância política como capital da colônia. A imigração portuguesa teve um grande impacto em fins do século XIX e nas três primeiras décadas do XX tornou-se promessa da industrialização e converteu-se em centro cultural cosmopolita. Finalmente, agradeço a oportunidade oferecida pela Revista Rio de Janeiro de debater esses temas.

Esta publicação foi realizada pela Rede Proprietas – Propriedade, Inovação e Bem-comum, projeto financiado com recursos do Edital Pensa-Rio, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Foi composta em *Times Nr Seven*, impressa e encadernada por uma Xerox Colorqube 9030, em papel em papel Offset 70 g/m² (miolo).

REDE PROPRIETAS

Site

www.proprietas.com.br

Pesquisadores fundadores

Allan Rocha de Souza
Beatriz Cerbino
Leandro Malavota
Leandro Mendonça
Luiz Fernando Saraiva
Márcia Maria Menendes Motta
Marina Monteiro Machado
Rita Almico

Equipe

Cecilia Costa
(design)